

LIBERTAÇÃO PROLETÁRIA E REVOLUÇÃO SOCIAL*

Karl Marx**

A grande indústria aglomera num só lugar uma multidão de pessoas que não se conhecem. A competição divide os seus interesses. Mas a manutenção dos salários, este interesse comum que partilham contra o seu mestre¹, une-as num pensamento comum de resistência — uma coalizão. Assim, a coalizão tem sempre um duplo objetivo: acabar com a competição entre os seus membros, para que possam então engajar-se numa luta² geral contra o capitalista. Se o objetivo inicial da

* Trecho do livro “*Misère de la philosophie. Réponse à la Philosophie de la misère de Proudhon*” (*A Miséria da Filosofia. Resposta à Filosofia da Miséria de Proudhon*). Tradução de Nildo Viana. As notas explicativas são do tradutor.

** Karl Marx é o fundador do marxismo e autor de diversas obras clássicas, tais como “*A Ideologia Alemã*”; “*O Capital*”; “*Contribuição à Crítica da Economia Política*”; “*Manuscritos de Paris*”; “*A Luta de Classes na França*”; “*O Dezoito Brumário*”; “*A Guerra Civil na França*”; “*Manifesto Comunista*”.

¹ O termo “mestre”, aqui, significa “capitalista” ou então, num sentido mais genérico, “senhor”, como dono da empresa e detentor do poder patronal. A palavra “maître”, no francês da época, termo utilizado por Marx, que redigiu sua obra nesse idioma, tinha vários sentidos: “mestre-artesão” (das corporações de trabalho), mestre como senhor (relação de dominação pessoal) e como sinônimo de “patrão” ou “capitalista”. O sentido exato que Marx quis utilizar o termo não tem como saber, mas pelo contexto da discussão, o mais provável é que quis destacar o seu caráter capitalista ou da dominação pessoal.

² Aqui Marx reproduz o termo “concorrência” (sinônimo de “competição”, termo que usamos na tradução), mas sem diferenciar “luta” e “competição” (ou “concorrência”), mas sendo coisas diferentes, pois os trabalhadores competindo entre si estão reproduzindo relações características da sociabilidade capitalista e quando enfrentam o capital, estão estabelecendo relações distintas, ou seja, como “luta”. Toda tradução depende das opções do tradutor e do tipo de fidedignidade que pretende manter (além do domínio técnico). Existem aqueles que preferem a fidedignidade formal e, nesse caso, o trecho seria traduzido da seguinte forma: “Assim, a coalizão tem sempre um duplo objetivo: acabar com a concorrência entre os seus membros, para que possam então engajar-se numa concorrência geral contra o capitalista”. Já uma tradução que busca a fidedignidade substancial manteria da forma como o fizemos. Contudo, a nossa opção é manter a fidedignidade geral, tanto formal quanto substancial, e por isso optamos por esse esclarecimento aqui que

resistência era meramente a manutenção dos salários, à medida que os capitalistas, por sua vez, se unem num pensamento de repressão, as coalizões, inicialmente isoladas, formam grupos e, confrontadas com o capital cada vez mais unido, a manutenção da associação torna-se mais essencial para elas do que a manutenção dos salários. Isso é tão verdade que os economistas ingleses ficam bastante surpresos ao ver trabalhadores sacrificando boa parte de seus salários em favor de associações que, aos olhos desses economistas, são criadas apenas em benefício dos salários. Nessa luta – uma verdadeira guerra civil – todos os elementos necessários para uma futura batalha se unem e se desenvolvem. Uma vez atingido esse ponto, a associação assume um caráter político.

As condições econômicas transformaram inicialmente a maioria da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou uma situação comum e interesses comuns para essa maioria. Assim, essa maioria já é uma classe em relação ao capital, mas ainda não por si mesma. Na luta, da qual mencionamos apenas algumas fases, essa maioria se reúne e se constitui como uma classe por si mesma. Os interesses que defende tornam-se interesses de classe. Porém, a luta de uma classe contra a outra é uma luta política.

Na história da burguesia, devemos distinguir duas fases: a primeira, durante a qual ela se constituiu como classe sob os regimes do feudalismo e da monarquia absoluta, e a segunda, na qual, já constituída como classe, derrubou o feudalismo e a monarquia para criar uma sociedade burguesa. A primeira dessas fases foi a mais longa e exigiu o maior esforço. Ela também começou com coalizões parciais contra os senhores feudais.

Muitas pesquisas foram realizadas para traçar as diferentes fases históricas pelas quais a burguesia percorreu, desde a comuna até sua constituição como classe.

Mas quando se trata de fazer um relato preciso das greves, coalizões e outras formas pelas quais os proletários realizam sua organização de classe diante de nossos olhos, alguns são tomados por um medo genuíno, outros demonstram um desprezo *transcendental*.

Uma classe dominada é a condição vital de toda sociedade fundada sobre o antagonismo de classes. A libertação da classe dominada implica, portanto, necessariamente a criação de uma nova

permite ao leitor perceber as sutilezas existentes no processo de tradução e perceber a diferença em relação às demais traduções, bem como entender que o tradutor que opta pela fidedignidade geral muitas vezes deve optar entre diversas opções, inclusive sacrificar o formal pelo substancial em alguns casos. A fidedignidade também se relaciona com a questão da compreensibilidade do leitor da tradução, o que complexifica ainda mais a questão, mas não poderemos tratar disso aqui.

sociedade. Para que a classe dominada possa se libertar, é preciso que as forças produtivas já adquiridas e as relações sociais existentes não possam mais existir umas ao lado das outras. De todos os instrumentos de produção, a maior força produtiva é a própria classe revolucionária. A organização dos elementos revolucionários como classe pressupõe a existência de todas as forças produtivas que poderiam ter surgido dentro da velha sociedade.

Isso quer dizer que, após a queda da velha sociedade, haverá uma nova dominação de classe, resumindo-se num novo poder político? Não.

A condição para a libertação da classe laboriosa³ é a abolição de todas as classes, assim como a condição para a emancipação do terceiro estado, da ordem burguesa, foi a abolição de todos os estados e todas as ordens⁴.

A classe laboriosa substituirá, no curso do seu desenvolvimento, a velha sociedade civil por uma associação que excluirá as classes e seu antagonismo, e não haverá mais poder político propriamente dito, uma vez que o poder político é precisamente o resumo oficial do antagonismo na sociedade civil.

Assim, o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é uma luta de classe contra classe, luta que, levada à sua mais alta expressão, é uma revolução total. Além disso, é de se admirar que uma sociedade fundada na *oposição* de classes culmine em brutal *contradição*, em um confronto direto como seu resultado final?

Não digam que o movimento social exclui o movimento político. Não há jamais movimento político que não seja ao mesmo tempo social.

É apenas numa ordem de coisas onde não haverá mais classes nem antagonismo de classes que as *evoluções sociais* deixarão de ser *revoluções políticas*.

³ No texto, Marx usa os termos *laborieuses* (laboriosas), *travailleurs* (trabalhadores), *ouvriers* (operários) e *prolétaires* (proletários). Mantivemos fidelidade forma aos usos de Marx, pois o seu livro debatia a concepção de Proudhon e os termos que ele utiliza são, muitas vezes, os desse autor (o que não significa concordância, mas sim descrição e diferenciação) e dos socialistas da época, ou de usos comuns nesse período histórico na sociedade francesa, mesclando com os sentidos que ele fornece aos termos e que, nesse momento, alguns ainda estão em formação (proletariado, por exemplo, é a classe revolucionária, mas ainda não é a classe produtora de mais-valor, pois em *A Miséria da Filosofia*, assim como no *Manifesto Comunista*, ele ainda não tinha produzido a teoria do mais-valor). Nesse contexto, no qual sua teoria do proletariado ainda não está desenvolvida e acabada, ele usa vários termos, o que significa que ele usa diversos signos adventícios e poucos signos inerentes, pois esses se desenvolverão posteriormente. Sobre signos inerentes (próprios do pensamento do autor) e adventícios (de uso comum ou de outros autores), cf. VIANA, Nildo. *Análise Dialética do Discurso*. Tomo 01: teoria; volume 01: linguagem e discurso. Goiânia: Ragnatela, 2026.

⁴ Marx se refere, aqui, aos estamentos que eram denominados “estados”. O primeiro estado era composto pelo clero; o segundo pela nobreza; o terceiro pela burguesia e resto da população (incluindo operários, camponeses, etc.).

Até lá, na véspera de cada reorganização geral da sociedade, a última palavra da ciência social será sempre⁵:

“O combate ou a morte; a luta sangrenta ou o nada. É assim que a questão está invencivelmente posta” (George Sand).

⁵ Para entender o texto é necessário distinguir os sentidos dos termos usados pelo autor no contexto de sua época. Anteriormente Marx usou as expressões “movimento social” e nesse parágrafo “ciência social”, que, obviamente, não possuem o mesmo sentido hoje, tal como usado nas ciências humanas, apesar de uma autora especialista em discussão sobre os atuais “movimentos sociais” ter assim entendido. O que Marx quis dizer com movimento social nada tem a ver com os chamados “movimentos sociais” no sentido usado hoje e sim significando “ação social” ou “luta social”, no sentido genérico, ou seja, dentro da sociedade. E ele faz isso pensando no proletariado para mostrar que suas ações sociais são, simultaneamente, políticas. Assim, toda luta social é uma luta política. Da mesma forma, quando ele usa “ciência social” não está tratando da “sociologia” e nem das chamadas “ciências sociais” e sim da concepção de ciência que ele utilizava (herança hegeliana, tal como Korsch identificou no seu livro sobre o pensamento de Marx), ou seja, como saber verdadeiro e totalizante sobre o social, isto é, sobre a sociedade e o conjunto das relações sociais. Sobre a noção de ciência em Marx, cf. KORSCH, Karl. *Karl Marx*. Barcelona: Ariel, 1983; VIANA, Nildo. *Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Prismas, 2017.